

DIREITOS HUMANOS

No encerramento da Conferência dos Direitos da Criança, participantes constataram que as atrocidades cometidas contra inocentes durante conflitos armados continuam acontecendo no mundo inteiro apesar dos esforços de organizações internacionais

Vítimas da guerra

Da redação

Na última década, dois milhões de crianças foram mortas, cinco milhões feridas e 300 mil forçadas a lutar, como soldados, em guerras sangrentas. Seis milhões de crianças foram mutiladas durante conflitos armados em vários países e 20 milhões foram separadas de suas famílias.

Os números, alarmantes, foram debatidos na Conferência dos Direitos da Criança, que terminou ontem em Winnipeg, no Canadá. O assunto principal foi o sofrimento que os conflitos armados causam nas crianças.

Segundo os organizadores, o encontro representa um pequeno passo para começar a melhorar as condições de crianças afetadas pelos conflitos que conti-

nuam a acontecer em todo o mundo e para determinar o fim da impunidade para aqueles que cometem esse crime.

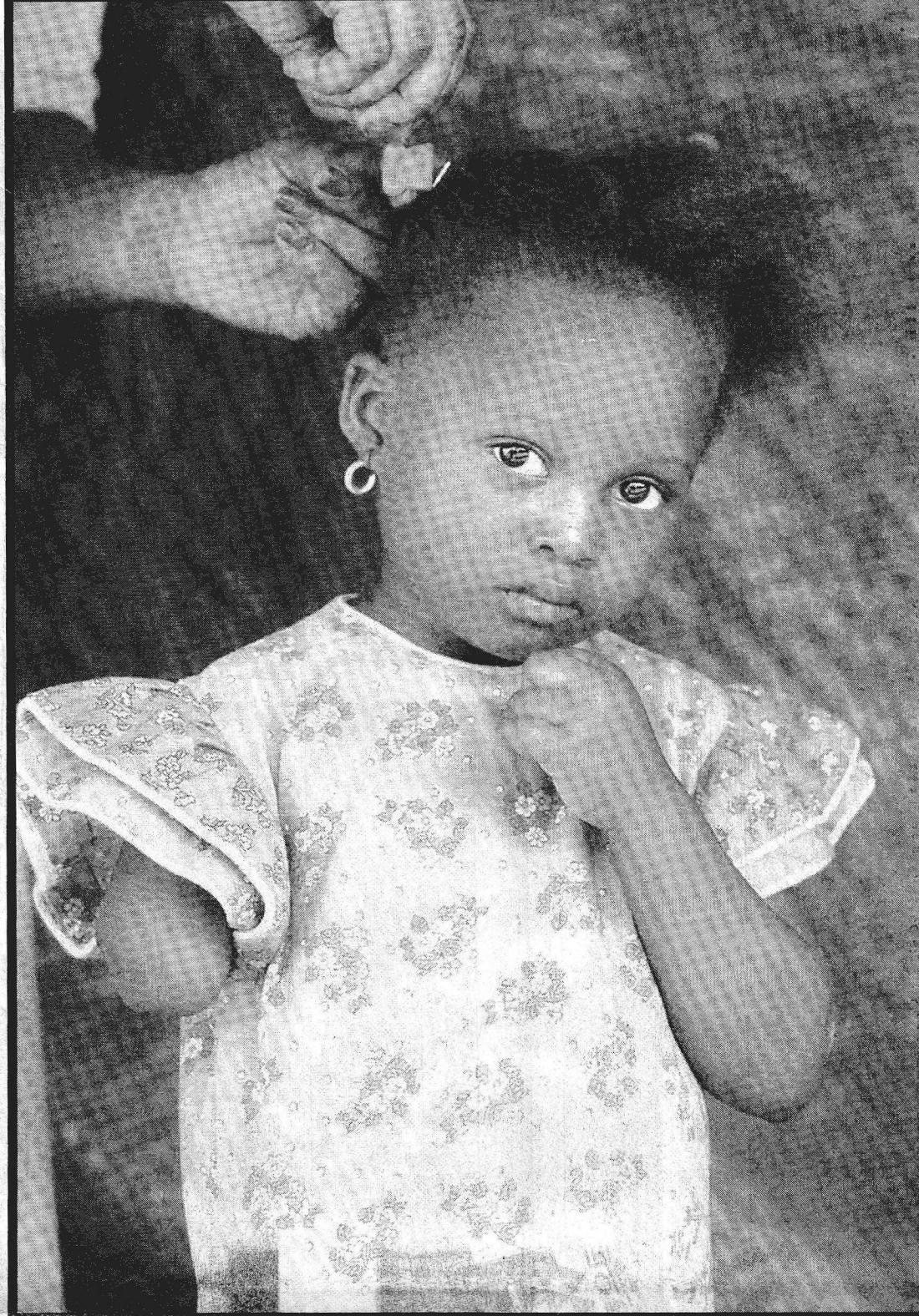
Graça Machel, ex-primeira dama de Moçambique e atual mulher de Nelson Mandela, que lançou em 1996 um estudo *O Impacto dos Conflitos Armados nas Crianças*, foi uma das presenças mais ativas da conferência. Durante o encontro, ela pediu que a comunidade internacional desenvolvesse um novo senso de urgência para proteger as crianças atingidas pelos conflitos armados.

Ela também deixou claro que apesar dos esforços de vários governos, organizações internacionais e não-governamentais e agências das Nações Unidas, ainda não foi feito o suficiente

para proteger as milhares de crianças que sofrem com a guerra. "Tolerando esse castigo de guerra contra crianças, cada um de nós pode ser considerado cúmplice da violência e do mal causados a elas", declarou.

Machel aproveitou a conferência para lançar a revisão do estudo que publicou em 1996 e chegou a conclusão de que houve poucas mudanças nos últimos anos para melhorar as condições dessas crianças. Segundo ela, existe um "fracasso coletivo" na tarefa de proteger os inocentes que vivem em meio à guerra. "Que esse fracasso seja transformado em oportunidades para enfrentar os problemas que causam o sofrimento das crianças envolvidas em conflitos armados", pediu.

Dylan Martinez/Reuters



MIANMÁ (TAILÂNDIA) MATADORES

Trezentas crianças, com menos de 18 anos, estão envolvidas em conflitos armados como soldados ou atuando como mensageiros, carregadores, terroristas, espiões e escravos sexuais. O Exército de Deus da etnia karen, liderado por dois irmãos gêmeos, de 12 anos (Johnny e Luther Htoo) é composto basicamente por crianças e adolescentes que trocaram os brinquedos por armas de verdade. Esses soldados mirins, muitas vezes, matam sem nem saber o porquê.

PODUJEVO (KOSOVO) ENTREGUES À SORTE

A grande maioria das crianças lutam contra sua própria vontade. Muitas vezes, meninos e meninas são tirados de perto dos pais com o cano do fuzil apontado para suas cabeças. Só uma pequena parcela se torna soldado por opção. Em Kosovo, as crianças pegam em armas e se "filiam" ao Exército de Libertação na luta pela província separatista. Quando elas escapam do recrutamento, acabam sendo adotadas por parentes ou vizinhos e, às vezes, caem numa armadilha: são escravizadas ou sofrem abusos sexuais.

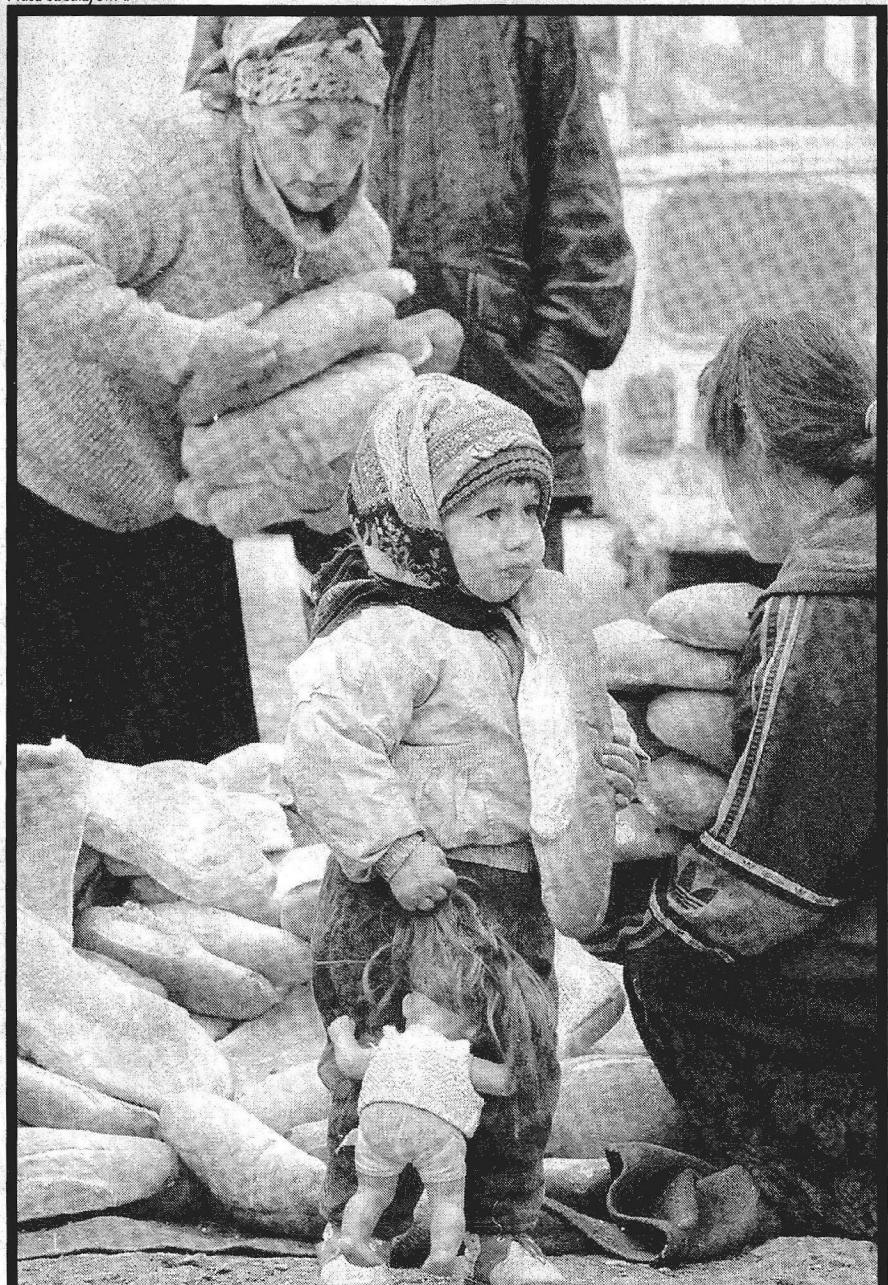
PASCA (COLÔMBIA) ESCOLAS DA GUERRA

Nos últimos cinco anos, 1,1 milhão de crianças colombianas saíram da escola por causa do conflito armado. A evasão escolar contribui para o agravamento da violência, já que a maioria dos menores que deixa de estudar une-se a grupos guerrilheiros ou ingressa nas Forças Armadas.

FREETOWN (SERRA LEOA) CRIANÇAS MUTILADAS

Na guerra civil — que dura há dez anos —, os guerrilheiros da Frente Revolucionária Unida (FRU), conhecidos como os rebeldes mais cruéis e sanguinários do mundo, não perdoam nem as crianças. Eles decepam mãos, braços, pernas e pés dos civis e enviam as partes decapitadas aos inimigos. Mas antes de mutilar o membro é perguntado a vítima: "Manga curta ou comprida?" A primeira opção significa cortar no punho. Na segunda o braço é cortado na altura do ombro. Em Serra Leoa, há 5 mil meninos envolvidos em combates.

Musa Sadulayev/AP



SLEPTSOVSKAYA (CHECHÉNIA) TUDO É ESCASSO

No campo de refugiados de Sputnik, há mais de 250 mil pessoas, entre elas muitas crianças, que vivem em condições muito precárias: falta água, comida e medicamentos.

